



Arquivo de um confinamento: exercícios de encenações e recriações do aprendizado

Lisete Regina Bampi
lisete.bampi@ufrgs.br

 <https://orcid.org/0000-0001-5647-6460>

Fabricio Tourrucão Gasteasoro
fabricio.tourrucoo@ufrgs.br

 <http://orcid.org/0000-0003-2444-3861>

Gabriel Dummer Camargo
gabriel-dcamargo@educar.rs.gov.br

 <http://orcid.org/0000-0002-6744-0938>

Resumen - Resumo - Abstract

Para evidenciar formas de pensar a educação desde a América Latina, produzimos conexões entre trabalhos que compõem nossa produção em seus múltiplos enfoques e temas. Em sucessivas traduções de discursos e práticas docentes, surgiu a necessidade da produção de um arquivo da produção. No processo de produção, não fomos ingênuos, escolhemos intencionalmente trabalhos que fizessem jus às diversas vozes que compõem o arquivo, em seu emaranhado polifônico e nos aspectos selecionados de uma imersão analítica. Percebemos que o próprio processo definiu uma prática de pesquisa que fez ressurgir enunciados, como tantas outras coisas que se oferecem

Con el fin de poner en evidencia las formas de pensar la educación, hemos realizado conexiones entre las obras que componen nuestra producción en sus múltiples enfoques y temáticas. En sucesivas traducciones de discursos y prácticas docentes, surgió la necesidad de producir un archivo de la producción. En el proceso de producción, no fuimos ingenuos; elegimos intencionalmente obras que hicieran justicia a las diversas voces que componen el archivo, en su enmarañado polifónico y en los aspectos seleccionados de una inmersión analítica. Nos dimos cuenta de que el propio proceso definía una práctica de estudio que hizo resurgir enunciados, como tantas otras cosas

In order to highlight ways of thinking about education, we have produced connections between works that constitute our production in its multiple approaches and themes. In successive translations of teaching discourses and practices, the need arose to produce an archive of our own production. In the production process, we were not naïve; we intentionally chose works that did justice to the many voices that make up the archive, in their polyphonic entanglement and in the selected aspects of an analytical immersion. We realized that the process itself defined a research practice that made statements reappear, like so many other things that offer themselves to recreation, in a process of

à recriação, em um processo de tradução. Nosso propósito está na forma de olhar os nossos trabalhos e os de outros, em uma simbiose que constrói objetos de estudo distintos e originais, através da reinvenção de procedimentos que se expressam na docência e na investigação. Desenvolvemos um modo de interpretar os mundos dos signos que traduzimos em exercícios de encenações e recriações do aprendizado. Produzimos categorias que ressaltam exercícios de professores, estudantes e pesquisadores em um movimento permanente de reconstrução e recriação de noções que emergem do arquivo. Outros arquivos, em seus próprios espaços e tempos, produzirão outras exercícios com encenações específicas, singulares em suas recriações, possivelmente, diferentes em suas repetições. Com Foucault, Deleuze e Cortázar, oferecemos uma lente que se ajustará de formas diversas a cada olhar envolto em conexões que manifestam potenciais na educação, resolvendo singularidades de um tempo perdido capaz de produzir hieróglifos a serem interpretados neste espaço de divulgação na América Latina.

que se ofrecen a la recreación, en un proceso de traducción. Nuestro propósito reside en la forma en que miramos nuestro trabajo y el de los demás, en una simbiosis que construye objetos de estudio distintos y originales, a través de la reinvención de procedimientos que se expresan en la docencia y en la investigación. Desarrollamos una forma de interpretar los mundos de signos que traducimos en ejercicios de escenificaciones y recreaciones del aprender. Se construyeron categorías analíticas entre nuestras ejercicios en un proceso permanente de reconstrucción y recreación de nociones que emergen del archivo. Otros archivos, en sus propios espacios y tiempos, producirán otras ejercicios con puestas en escena específicas, únicas en sus recreaciones, posiblemente diferentes en sus repeticiones. Con Foucault, Deleuze y Cortázar, pulimos una lente que se ajustará de diferentes maneras a cada mirada que manifiestan potencias en la educación, resolviendo singularidades de un tiempo perdido capaz de producir jeroglíficos para ser interpretados en este espacio de diseminación en América Latina.

translation. Our purpose lies in the way we look at our work and that of others, in a symbiosis that creates distinct and original objects of study, through the reinvention of procedures that are expressed in teaching and research. We developed a way of interpreting the worlds of signs that we translated into exercises in staging and recreations of learning. We have produced categories that highlight exercises by teachers, students and researchers in a permanent movement of reconstruction and re-creation of notions that emerge from the archive. Other archives, in their own spaces and times, will produce other exercises with specific staging, unique in their recreations, possibly different in their repetitions. With Foucault, Deleuze and Cortázar, we offer a lens that will adjust in different ways to each gaze wrapped in connections that manifest potencies in education, resolving singularities of a lost time capable of producing hieroglyphs to be interpreted in this space of dissemination in Latin America.

Palabras Clave: archivo, aprender, ejercicios, Foucault, Deleuze

Palavras-chave: arquivo, aprender, exercícios, Foucault, Deleuze

Keywords: archive, learning, exercises, Foucault, Deleuze

Recibido: 12/07/2023

Aceptado: 06/11/2023

Para citar este artículo:

Regina Bampi, L., Tourrucô Gasteasoro, F. & Dummer Camargo, G. (2023). Arquivo de um confinamento: exercícios de encenações e recriações do aprendizado. *Ixtili. Revista Latinoamericana de Filosofia de la Educación*. 10(20). 199-219.



Arquivo de um confinamento: exercícios de encenações e recriações do aprendizado

Pienso en los gestos olvidados, en los múltiples ademanes y palabras de los abuelos, poco a poco perdidos, no heredados, caídos uno tras otro del árbol del tiempo. Esta noche encontré una vela sobre una mesa, y por jugar la encendí y anduve con ella en el corredor. El aire del movimiento iba a apagarla, entonces vi levantar sola mi mano izquierda, ahuecarse, proteger la llama con una pantalla viva que alejaba el aire. [...] Vanidad de creer que comprendemos la obra del tiempo: él entierra sus muertos y guarda las llaves. Sólo en sueños, en la poesía, en el juego – encender una vela, andar con ella por el corredor – nos asomamos a veces a lo que fuimos antes de ser esto que vaya a saber si somos (Cortázar, 2003).

Do arquivo

De início, um arquivo é a lei do que pode ser dito, um sistema que regulamenta o aparecimento de enunciados como acontecimentos singulares. Como um conjunto de discursos, ele funciona e se transforma em um espaço-tempo e nos brinda com novos acontecimentos. O arquivo faz surgir a necessidade de outros arquivos, delineando um discurso em sua existência múltipla e especificando sua emergência. Por isso, ele é o que nos permite verificar encontros e rupturas, por exemplo, em uma produção e definir o seu modo de atualidade (Foucault, 1987).

Tudo está dado desde o ponto de partida que descreve os discursos como práticas específicas de um arquivo. Como ponto de partida — uma espécie de convite —, surge a necessidade de apresentação de um memorial à Comissão Especial de Avaliação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para requerer Promoção na Classe de Professor Titular. Para tanto, produzi um arquivo da própria produção. No processo de produção, desprenderam-se categorias que permitiram construir imagens de uma explicação necessária para compor a forma do discurso da apresentação (Bampi, 2022).

De maneira um tanto condensada, apresento algo do que atualizamos em exercitações de encenações e recriações de um aprendizado. Gostaria de assinalar — visto estar aí, precisamente, o nosso tema —, o que há no trabalho: uma organização inicial do que era necessário explicar para conseguir explicar outros intentos. Praticamos a memória daquilo que não é mais e está sendo (Bampi, Dummer Camargo, Gasteasoro Tourrucôo, 2021a; 2021b).

-- La vida no es la que uno vivió, sino la que uno recuerda y como la recuerda para contarla (García Márquez, 2015).

Na produção do arquivo, não fomos ingênuos, escolhemos intencionalmente trabalhos que fizessem jus às diversas vozes que compõem o arquivo em seu emaranhado polifônico e nos aspectos selecionados de uma imersão analítica. Percebemos que o próprio processo definiu uma prática de pesquisa que fez ressurgir enunciados, como tantas outras coisas que se oferecem à reconstrução e à recriação em um processo de produção (Bampi, 1999; 2002; 2003).

Com o que emerge do interior do arquivo, redesenhamos seus rastros para compor o discurso da referida apresentação. Em termos de objetivo e análise, não tratamos de interpretar o discurso para fazer através dele uma história do referente, onde reconstituíramos uma experiência primitiva e singular da produção, dos seus métodos e procedimentos. A flecha da pergunta já havia sido lançada, de uma outra maneira, teria que emplumá-la e polir a ponta.

-- Como expressar um percurso que se apodera de singularidades que constituem uma experiência?

Ritos Iniciáticos

Há encontros necessários e encontros fortuitos, vinculados a uma necessidade. Parte da necessidade está na formalização inevitável da mundanidade da explicação, sem a qual o aprendizado seria imperfeito e, até mesmo, impossível. E a memória pode vir a ser um simulacro que, em certo tempo, infere seus próprios encontros com signos margeados por alguma experiência singular (Deleuze, 2003; Jacotot, 2008).

-- He creído siempre en eso que suele llamarse las afinidades electivas



(Amorós apud Cortázar, 2003).

Quando se trata de escrever, por princípio de existência, não consigo fazer uso do tempo e espaço ao qual me fixei. Gostaria de falar-lhes sobre o que surgiu na preparação da apresentação desse trabalho. Desfrutaria de algo prazeroso e oferecer-lhes-ia uma explicação por si mesma, permeada de associações subjetivas e articulações objetivas. Desse modo, permaneceria no tempo do meu aprender e manteria o tempo cronológico que tenho para reescrever.

Os objetos do aprender possuem regras próprias que, geralmente, não satisfazem nossa interpretação inicial. Após a apresentação do memorial, uma análise explicativa tornou-se necessária. Porém, quando temos um encontro com uma língua estrangeira, um assombro se apodera de nós, como uma violência que possibilita o pensar ressuscitar dúvidas na língua que falamos (Paz, 2009).

-- Violar es explicar, pero no siempre viceversa (Cortázar, 2003).

Produzimos formas de interpretar o estudo em seu próprio estudo, como o puncto que realça a imagem de um todo e a amplia em dimensões remanescentes. O estudo exige um cuidado, uma relação de amor e amizade, de desvelo e preocupação, como a um ser querido que estimamos. Do latim, a palavra “cuidado” provém de “cura”, um vigiar intenso que manifesta uma proteção (Barthes, 2012)

Perante tal cuidado, de nós mesmos e dos outros, identificamos a necessidade de construir categorias analíticas — aqui, não é nosso propósito apresentá-las. Eis uma preocupação que não diz tudo sobre o objeto estimado, antes ressoa sentidos de um fazer que é do outro, nele, em nós e no mundo. Foucault (1987) enumera grupos de categorias, ou conceitos, para suspender, momentaneamente, continuidades históricas e ler uma multidão de documentos.

De modo fortuito e curioso, nossa rotina investigativa se aproxima do próprio movimento metódico traçado por Foucault, segundo o qual copiava passagens dos livros e dos documentos que consultava e analisava. Foucault produziu uma imensa quantidade de fragmentos matizados de outros fragmentos, como um ensaio de ideias, com os quais encenava e recriava seus ditos e escritos. Não é nosso propósito indicar todos os trabalhos que vislumbramos na essência dessa experiência de pesquisa, antes se trata de um movimento de atenção aos vazios que permeiam os caminhos envolvidos no estudo de

saberes (dados para os outros).

Entre confinamentos mundanos — por exemplo, Bibliothèque Nationale, Archivos da Assistência Pública, Bibliothèque Sant Geneviève, Bibliothèque de l’Arsenal, registros do Hospital de Sainte-Anne —, Foucault prepara suas hipóteses e esboça as linhas do seu pensamento. Em todos esses locais, ele sacode a poeira dos textos, já que sua atração pelos arquivos o leva, inclusive, a inscrições ignoradas e imagens distorcidas. Ao percorrer esses lugares, evidencia-se uma paixão por bibliotecas, documentos, referências, textos que não se leem, livros que foram impressos e se despertam séculos depois (Tello, 2016).

Quando a encenação se torna necessária, recriamo-nos nos espaços e tempos do arquivo. Produzimos ocos com a vida que dele extraímos, segundo uma tradução que se reinventa na própria maneira de observar aos outros e a nós mesmos. Desse modo, redescobrimos as palavras murmurantes que movimentam no interior do arquivo vozes que escutamos e figuras que vemos entre confinamentos. Em exercícios da palavra, uma expressão singular converte-se nos personagens que criamos e, por vezes, nos transformamos.

-- Las palabras son etiquetas imperfectas, que no reflejan adecuadamente la realidad [...]. Lo peor es que nos engañan, haciéndonos confiar en ellas, como botellas sucias que ocultan – más que revelan – su verdadero líquido (Cortázar, 2003).

Nas exercícios, com a intenção de redescobrir qualquer materialidade que pudesse derramar um pouco de luz sobre o processo de produção do arquivo, ficamos com os documentos mais reveladores. Nos interstícios do arquivo, deparamo-nos com pedaços de papéis e notas apressadamente rabiscadas; tabelas organizadas e ordenadas; fotografias coloridas por imagens que não faziam parte das próprias fotografias, convertem-se em coisas que podem ser descritas e registradas.

Em seu conjunto finito, utilizamos o arquivo para examinar uma situação que, para a oficialidade, representa uma função inscrita na estrutura, a reiteração de uma série ou um ato válido dentro do sistema do aprender. Em meio a pilhas de papéis e distintos materiais que fazem parte do ofício de professor, este trabalho desperta um interesse latente e uma atividade crítica, construídos em relação a si mesmo, ao mundo e à vida dos outros. Buscamos nos enunciados, elementos que testemunhem possíveis respostas às questões que surgem de problematizações para explorações vindouras

(Villegas, 2002; Larrosa, 2018).

-- Como ter acesso a mundos que não são mais aqueles que vemos; antes, ao contrário, aqueles em que somos vistos?

Do aprender

O aprender, como um personagem, move-se entre cenas escolares e desenha o contorno de um mesmo ser da atenção. Entre confinamentos — noção que realça um movimento que, também, é postura em um cenário social, político e cultural repleto de potências —, o aprender produz sentido entre prática e teoria. Produzimos um modo de interpretar os mundos dos signos que traduzimos em exercitações de encenações e recriações de um aprendiz.

Nas recriações, são engendrados professores tradutórios: cansados, esgotados, contemporâneos, tagarelas, ciumentos, atentos, errantes, entre outros, que ressurgem e auxiliam na composição de uma imagem do nosso pensamento e ampliam nossa caixa de ferramentas. Entre confinamentos e signos amorosos, o movimento do estudo se reconstrói na experimentação e no trabalho dos professores em suas descobertas, formulações e hesitações (Bampi, Tourrucôo Gasteasoro, Dummer Camargo, 2021b).

Com uma lente microscópica e telescópica, olhamos para os meandros ínfimos do arquivo. Em suas entrelinhas, observamos pistas de uma história criativa que emerge da diferença, seja na percepção do aprendizado de cada um dos autores deste trabalho, ou nos procedimentos que se entrelaçam nos fazeres dos professores em seus referenciais teóricos diversos refletidos em espelhos formativos de uma historicidade docente. Elementos dos quais não nos desviamos, mas exploramos de acordo com uma tradução singular.

Entre o que surgiu dos encontros que tivemos, e na nossa maneira de caminhar, generosamente irregular, revisitamos alguns de nossos recorridos. E um recorrido, também, é um modo de reconstruir-se a si mesmo, de recriar o que está nos acontecendo no momento. Quando revisitamos e permanecemos em um espaço do pensamento, recriamos passos e formas, por exemplo, de um ensinar a matemática que se transforma e emerge entre sintonias e simulacros.

Entre confinamentos da produção, surgem espaços de uma potência, tanto

da pesquisa em si, como do ofício de professor. O trabalho da aula torna-se um ofício que exige respeito aos seres, aos objetos de estudo e aos espaços vazios que proporcionam. O ofício ramifica lugares de pensamento que exigem saltos do aprender para colocá-lo em movimento. O olhar que esse respeito propaga, reivindica em si preocupações, bem como oscilações de uma amizade vigilante. Ou seja, exige um cuidado constante e inerente a uma aproximação ao objeto da atenção.

O cuidado com os dados, e com os dados que os dados produzem em nós mesmos, seja na leitura, na organização, na tonalidade e na ordem do que víamos e do que era necessário exemplificar e explicar, ressoa recriações de um movimento que já são encontros em potência. Percebemos sintonias — ressoantes em possíveis sinfonias — entre os trabalhos que constituem a produção nos seus modos de pensar a educação, surgidos em conexões com línguas faladas na América Latina em seus múltiplos enfoques e temas.

As conexões configuram uma atenção ao arquivo que produzimos em sua formação indistinguível da ação sobre o objeto de estudo. A ação envolve uma transformação contínua de si mesmo, um modo de vida do ser e do ofício de professor. Com Foucault, podemos afirmar que quando um trabalho não é ao mesmo tempo uma tentativa para modificar o que se pensa e, inclusive, o que se é, não é muito divertido. Afinal, trabalhar é propor-se a pensar algo diferente do que se pensava antes (Foucault, 1999a).

As decepções de um estudo exigente ressaltam signos de uma motivação amorosa e cuidadora de sensibilidades. Os signos mundanos criam cenários em vazios necessários, onde o não saber encontra na atenção a eles uma indissociável relação entre pensar e aprender. O encontro com um signo amoroso pode ser forte o suficiente para colocar mente, corpo e pensamento em movimento. E, assim, reinventar uma verdade de uma beleza cativante, digna de ser notada.

Os signos sensíveis recortam momentos do estudo em peças de memórias involuntárias e associações de mundanidades ditas contextualizadas. Desse modo, percebemos um combate amoroso entre o pesquisador e os resultados da pesquisa, assim como do aluno com seu objeto de aprendizado — seu, sua, nossa: manifestações possessivas de um ciúme efêmero e vital na jornada do pensamento.

A recriação protagoniza a indexação de linhas de escape, como uma forma de laço que dá voltas na professora fugitiva, enquanto a lança em possibili-



dades pendulares, ou catenárias, em torno das recriações que aproximam aprendizados. Torna-se viável uma imagem do pensamento, fotografada por movimentos síncronos e assíncronos de encontros com signos mundanos, amorosos e sensíveis. Por sua vez, o aprender a aprender se desfaz em sentidos que exigem explicações revigoradas e, por vezes, recursivas (Bampi, Telichevsky, 2012; 2017).

-- Como enxergar no aprendizado de alguém a arte de tecer mundos (Bampi, Gasteasoro Tourrucão, Dummer Camargo, 2016)?

Das categorias

A pesquisa segue ecos e linhas de atravessamento sobre experiências de um ser relativo ao ofício do professor. Ao menear procedimentos que não distinguem uma dicotomia teoria-prática, realçamos escapes em traduções na produção do arquivo. Tomamos os dados em si mesmos, na releitura de suas potências e no disforme que ressoa em imagens cicatrizadas, muitas vezes, em tabelas, gráficos, listas e sequências que foram descartadas.

As categorias fazem sobressair as exercitações em uma espécie de localização da produção em um aprender e na descrição de seus estilos narrativos; em encontros e rupturas na produção; em contribuições da produção e nas conexões entre cada trabalho inserido na pesquisa. Produzimos um discurso com consistência própria que oferece visibilidade aos próprios saberes e aos saberes (dados para os outros). É essa consistência que tratamos de examinar analiticamente.

Na produção do arquivo, traduzimos possíveis encontros com os mundos dos signos através da recriação de noções, tais como: “entre confinamentos”, “didática dos signos”, “jogo poético”, “texto imagem”, “objeto-obra”, “capacidade de tradução”, “matizes tradutórios”, entre outras. Tais noções, modeladas em palavras imprecisas de formas significativas, incorporam referenciais atuais entre filosofia, literatura, matemática e educação. No soar das sílabas, reencontramo-nos em caminhos que ecoam a diferença entre saberes diversos.

Existe uma responsabilidade no processo de produção do arquivo, onde uma fuga da explicação é iminente a divagações subjetivas, por um lado, e a interpretações literais, por outro. Os signos que emanam do arquivo um

trabalho criativo, organizado e disciplinado entre o possível e o impossível, o que sabemos e o que ignoramos. Mesmo nos pontos obscuros e indefiníveis, podemos reconhecer um foco, um recorte e um limite, onde as singularidades das objetividades dos saberes produzidos são passíveis de generalização (Goldenberg, 1997).

O discurso produzido torna-se aproximação em sua ruptura, e ruptura em sua aproximação, onde as categorias moldam formas de um palimpsesto que marca o velho e o novo em ranhuras simultâneas. A produção, em termos de expressão e estilo, traz outras dimensões à pesquisa, a qual se sobrepõe a si mesma como objeto de estudo. O arquivo engendra motivações e espaços de silêncios, onde a leitura de expressões de outros ressoa em nós ecos, muitas vezes, indizíveis, na aproximação de uma língua que não alcançamos ou na fuga aos vazios que nos remetem a outros mundos.

Entre confinamentos da produção, encontramos algo mais que documentos: gestos precisos, perturbações, desassossegos, gritos inaudíveis que conferem singularidades contemporâneas ao arquivo.

Huellas en el archivo capaces de remecer el sosiego del lector actual, pues alteran la sucesión temporal misma y exceden la supuesta condición de letra inerte. Son inscripciones que actúan como vestigio de los dispositivos de poder soportados por distintas vidas, rastros de los discursos del saber que objetivan padecimientos en los cuerpos y pretenden ordenar las frases e imágenes de lo acaecido (Tello, 2016).

Sinais que estamos investigando e se mostram por certas marcas amorosas e sensíveis em nossos diários íntimos. Escolhemos trechos, folheamos borradores e redescobrimos categorias em produções anteriores que orientam a leitura e a escolha dos trabalhos que compõem o arquivo. Contudo, sem instrumentalizá-las, uma vez que cada exercitação nos conduz a uma reconstrução e recriação do arquivo.

Segue-se um movimento incessante de vaivém de textos que produzimos —, como uma prática, onde reunimos reflexões de poucos autores, diversos entre si mesmos. A produção do arquivo, assume, então a forma de um “laboratório vivo”, ganha clareza analítica e elucida minuciosos detalhes. Torna-se muito difícil de apreender o arquivo em sua totalidade, já que cada encenação, desdobra-se em uma nova recriação (Foucault, 2019). Assim, formulamos outra questão:



-- Como separar método e criação, sendo que a cada exercitação, temos uma nova encenação, e a possibilidade de recriação, como uma oferenda à tradução? (Bampi, Gasteasoro Tourrucô, 2019).

Dos objetos

O arquivo recria-se a cada exercitação, quando convertemos o olhar dos outros, dos mundos para nós mesmos: tivemos uma ideia entre literatura, filosofia e educação? Em função das técnicas que conhecemos, construímos objetos que surgem como uma espécie de pensamento que nos servem de base para explorar inquietudes em nós mesmos e, até mesmo, causamos em outros. Quando nos exercitamos com a leitura de avaliações de uma ação de extensão, surge a noção de objeto-obra (Bampi, Gasteasoro Tourrucô, 2013; Bampi, Gasteasoro Tourrucô, Camargo, 2016; 2021a).

-- Neste momento, penso poder chamá-la, dignamente, objeto de arte, ciência e pensamento.

O método já está na obra e no autor – não precisa ser inventado no sentido comum –, comprometido com um modo de expressão, precisa ser traduzido. Em sua essência mundana, o arquivo revela-se em um nicho de encontros artísticos – arvorecência do cuidado com o outro e nós mesmos –, no tempo, espaço e discurso. Observamos que um professor arquivista torna-se em um tradutor de signos que se exercita amorosamente com a matéria de tradução, encenando-se com o original e recriando-o na própria língua (Bampi; Gasteasoro Tourrucô, 2019; Benjamin, 2008).

Creemos que vale a pena recapitular, despretensiosamente, outra apresentação para provocar novas exercitações. Partimos da apresentação do trabalho “Carta a Un Niño: el preguntar y el verificar” (Bampi, Gasteasoro Tourrucô, Alves, 2019). Salientamos que o trabalho não está publicado, ele foi apresentado no International Council of Philosophical Inquiry with Children – XIX Biennial Conference Philosophy for/with Children and the Citizen Agent em julho de 2019. Na apresentação “Comentário a La Carta”, convertemos a Carta em objeto de estudo (Bampi; Gasteasoro Tourrucô, 2019).

O exercício de reviver passagens literárias que compõem a Carta e poder traduzi-las de uma outra forma, nos fez ver, de um modo geral, os caminhos que temos seguido, onde muitos detalhes não foram explorados. Percebemos

que a indissociabilidade entre reconstrução e recriação deveria ser interrogada mais de perto. Para mostrar-lhes algo, como um exemplo de tradução, recolheremos três passagens da Carta que nos ajudaram a dar mais inteligibilidade à questão formulada anteriormente:

1. Sentados en un café reconstruían minuciosamente los itinerarios, los bruscos cambios, procurando explicarlos telepáticamente, fracasando siempre, y sin em-bargo se habían encontrado en pleno laberinto de calles, casi siempre acababan por encontrarse y se reían como locos, seguros de un poder que los enriquecía (Cortázar, 2003).

2. ¿Podremos evitar lo que dicen, o mejor no? A lo mejor no importa: ¡Juguemos a la reconstrucción! Seamos los pocos que, pese al dolor de un error, prueban, mismo que sea para vivir un instante de lo cierto, o mejor, por regla, un próximo error (Gasteasoro Tournucôo, 2018).

3. Todos lo decían. Afirmar que lo que todos dicen debe ser cierto queda muy lejos de mi intención. Todos, frecuentemente, tienen las mismas posibilidades de acer-tar que de equivocarse. La experiencia demuestra que todos se han equivocado tan a menudo, y el darse cuenta del error les lleva en la mayor parte de las oca-siones tanto tiempo, que el principio de autoridad se ha probado falible. Todos pueden a veces estar en lo cierto; “pero ésa no es la regla”, como el fantasma de Giles Scroggins dice en la balada [...] (Dickens, 2000).

Ao considerar essas três obras humanas, seremos breves na explicação. Com Cortázar (2003), começamos a refletir sobre a impossibilidade de separar método e criação na produção de uma experiência. Com Dickens (2000), damos-nos conta de um exercício de pensamento, quase físico, a errância. Por sua vez, o convite de Cortázar à reconstrução nos faz pensar em um modo analítico. E se queremos soltar-nos ao erro, pensar-nos como seres errantes, já que o fantasma nos convidou a isso, como fazemos? Como reconstruir um evento passado que já ocorreu?

Há que se reviver o momento que já passou em outros espaços e tempo. Há que se buscar outras formas de expressá-lo. La Carta se converte em objeto de estudo e arte — uma espécie de vazio para que nele entremos e o preenchamos como nossa sensibilidade ética, estética e política: um ponto de partida para pensar algo de um modo especial e perseguir um caminho como o princípio de um “laberinto de calles”.



-- Toda tentativa de explicarlo fracasa por una razón que cualquiera comprende, y es que para definir y entender habría que estar fuera de lo definido y lo entendible (Cortázar, 2003).

O fantasma estava em um novo campo, em uma nova forma. A frase “todos pueden a veces estar en lo cierto; ´pero ésa no es la regla`” parecia obedecer a certa forma — certo estilo de vida —, um modo de proceder que se expressa na passagem “2”. Tudo isso teria que ser dito em seu momento, só que é difícil precisar o momento de uma coisa e, ainda mais agora, nesse espaço e tempo. É quando percebemos minha (nossa) maneira especial de proceder, quando temos uma — no pensamento e na investigação.

É fazer da própria produção objeto de uma tékhnē, necessariamente, converte-se na liberdade e escolha daquele que utiliza sua tékhnē. Surge uma capacidade de tradução — uma espécie de princípio metodológico — que devemos saber encontrar e recolher naquilo que amamos. Aquele que se exercita em recriações do próprio aprendizado, aprende que está se recriando a si mesmo, desafiando matérias que resistem em suas singularidades (Foucault, 2019; Agamben, 2016).

As singularidades são produzidas nas exercitações que se convertem em matéria da tradução no exercitar. Quando toda singularidade se completa de diferença, já não sabemos mais o que pertence a reconstrução e a recriação, ao objeto e a obra. A produção do arquivo realça um objeto de estudo que não mais nos pertence, que extravasa o que já existe em movimentos que complementam um saber e, ao mesmo tempo, o transforma.

A tarefa do professor poeta se manifesta em encontrar na língua em que traduz, por exemplo, uma intenção por onde o eco de um discurso original possa ser ressuscitado a cada exercitação. O professor poeta possui a capacidade de tornar as imagens já acabadas de uma língua, em um advir das próprias línguas, convergindo para uma língua pura, reunindo as intenções numa liberdade de pensamento e tradução (Benjamin, 2008).

Nas encenações, reconstruímos fatos; nas recriações verificamos esses fatos; nas exercitações, traduzimos o encontro entre recriação e reconstrução. Em termos de tradução, para além das questões criadas, existem as relações sobre como o movimento da produção foi possível e o que proporcionou a quem vos escreve, por movimentos de composição deste discurso. Esse modo de proceder reflete preocupações e cuidados com temas que nos propomos a investigar.

As off-cells docentes promulgam um professor contemporâneo predisposto a se manter atento aos vários espectros de luz que atravessam o prisma da pesquisa e, mesmo aqueles refletidos, que não chegam aos seus olhos. Por isso mesmo, testificam a escuridão de vazios e a precisão de escapes — potência de não-ver que põe inteiramente em jogo a produção. A percepção docente e os procedimentos metodológicos se entrelaçam nos referenciais teóricos que afirmam a produção em sua singularidade (Agamben, 2009; Bampi, Camargo, 2016; 2017).

A importância está na forma de olhar os nossos trabalhos e os de outros, em uma simbiose que cria objetos de estudo distintos e originais, através de procedimentos reconstruídos e noções recriadas que se expressam na docência e investigação. Observamos o passado e nos reposicionamos através de registros escritos, onde ressonâncias unem o espaço e o tempo em uma imagem do presente. Na ênfase do que propomos aqui, para compor essa reescritura, anunciaremos o que não está dito e ressoa através desse espaço e tempo singulares, podendo ser apresentado nessa tradução (Bampi, Gasteasoro Tourrucão, 2019).

Da resistência ao jogo poético

Nos primeiros estudos de Foucault, a palavra resistência surge sempre anterior ao poder: resistência aos códigos, às leis, às normas, por exemplo. Em seus últimos trabalhos, ela ressurgiu conectada ao ideal nietzschiano da autocriação estética. A prática de uma estética do eu não é nada mais nada menos que as formas pelas quais os indivíduos são produzidos e se produzem enquanto sujeitos. A ideia de que a vida de alguém pode ser encenada e recriada como obra de arte abre possibilidades de escolha de novas formas de experienciar-se a si mesmo (Foucault, 1988; Bampi, 2002).

Entre Cortázar (2003), Foucault (2019), Agamben (2016) e Blake (1987), exercitamo-nos com a palavra resistência como em um jogo poético — um potencial surgido em trabalhos anteriores que se materializa na atualidade. Naquele momento, percebemos a presença de um procedimento que se oferecia à tradução. A resistência vincula-se a um confinamento íntimo — a uma espécie de exercitação da alma em si mesma —, onde encenamo-nos e recriamo-nos a nós mesmos (Bampi, 1999; 2002; 2003; 2022).

-- Uno es lo que es, a lo mejor, más de lo que es, menos de lo que pueda



ser (Cortázar, 2003).

Com Blake (1987) e Cortázar (2003), começamos a pensar as palavras como personagens que morrem, ressuscitam e renascem nas produções que compõe o arquivo. De acordo com as inquietações que encenamos, surgem perguntas pela eficiência e eficácia de procedimentos educacionais que afirmam conexões entre educação, filosofia e outros saberes. As exercitações convertem-se em uma forma de amor e cuidado com o objeto da atenção.

É necessário um olhar sensível para o que foi realizado em outras produções: um movimento em que definimos nossa formação discursiva, exercitando-nos com um conjunto semelhante de objetos. Produzimos um arquivo da produção pelo qual traduzimos a materialidade mundana, amorosa e sensível, sem que elas mesmas tenham que se modificar. Por sua vez, o signo artístico pode surgir a partir deste ponto de decifração e expressão, mesmo em potência, envolvendo-se em todos os demais mundos de signos.

As traduções são recriações e, também, renascimentos entre filosofia, educação e pesquisa. No âmbito de uma janela pessoal do texto, observamos os aprendizados entre exercitações de um processo de produção, a fim de se extrair as essências almeçadas do arquivo. Às traduções pretendidas, muitas necessidades imprevistas se moldaram e levaram a um cansaço entre um tempo que fugiu do domínio da vontade. Nas dificuldades de uma movimentação docente, a saúde precisou encontrar seus próprios caminhos entre processos pandêmicos, mentais, físicos e familiares.

A lente que oferecemos se ajustará de formas diversas a cada olhar docente envolto em personagens, conceitos e conexões entre signos mundanos e amorosos que manifestam potencialidades na educação. Outros arquivos, em seus próprios espaços e tempos, produzirão outras exercitações com encenações específicas, singulares em suas recriações, possivelmente, diferentes em suas repetições. Por isso, nosso arquivo, determina os limites e as formas de apropriação de discursos e práticas que o compõe e que se transformam a cada exercitação, brindando-nos com novas traduções.

Em nosso tempo, generosidade e gentileza com os discursos dos outros são indissociáveis das práticas que compõem nosso arquivo, envolvendo cuidado e atenção necessários à criação. Contudo, uma decepção pode renascer no momento de uma exercitação, segundo uma tarefa que deve ser revisada para não comprometer o todo. Tudo isso faz parte do aprender que dialoga com discursos que regem o ofício de professor, não para resistir às tentações

amorosas que possam advir de nossas exercitações.

Creemos que a difusão desses procedimentos de tradução torna-se apenas mais um passo de uma pesquisa que se tornou parte inerente da própria existência. Todo um conjunto de deslocamentos, de reativações, aproximações, organização e reorganização dos documentos que compõem nosso arquivo, foi outro passo dessa jornada que revisita produções anteriores, e atuais, mais um encontro de um aprender que se faz vida. Aqui, encontra-se um observar de vontades, pensamentos, e incertezas, não apenas na tradução desse aprender.

Em uma etapa inicial, a necessidade de uma análise minuciosa de noções que possibilitaram reconectar trabalhos anteriores, e outros que estão se fazendo, foi anunciada na apresentação do trabalho “Carta a Un Niño: el preguntar y el verificar” (Bampi; Tourrucô, Alves, 2019; Bampi; Tourrucô) e no capítulo de livro “Sobre métodos e avaliações: uma experiência como prova e um aprender como consequência” (Bampi; Tourrucô Gasteasoro; Camargo, 2021b).

-- Em que consiste essa prova e para que servem esses objetos?

Ya está

Tratamos de examinar os objetos como foram construídos e, em sua nudez, verificar qual função exercem no interior do arquivo. Na atenção de um momento, das pequenas histórias da aula, ou mesmo de uma pandemia, encontramos uma tecnologia que testemunha a imobilidade do pensamento e conduz o indivíduo a confinar-se em si mesmo, a ser como que cortado do mundo mundano. Encontramos práticas sofisticadas, muito ligadas a escolhas pessoais, à vida de ócio cultivada, ao estudo atento e minucioso.

No arquivo, percebemos pegadas digitais, capazes de desassossegar a nós mesmos e aos nossos leitores, pois alteraram a própria sucessão temporal e excedem-se nas supostas condições de letras inertes. São inscrições que atuam como vestígios dos dispositivos de poder suportado por diferentes vidas, traços dos discursos de saber que pretendem ordenar frases e imagens de um acontecido. Porém, poucos são capazes de ocupar-se consigo, ou de exercitar-se a si mesmos, entre confinamentos (Foucault, 2019; Tello, 2016).



E incapazes de aperceber-se da importância dessa tarefa, jamais poderão executá-la, porque não há coisa escondida no nosso arquivo que não venha a ser manifesta, que não venha a ser pública. E quando ele produzir novos frutos, recolheremos as sementes, porque está chegando o tempo de replantá-las com as próprias mãos. As sementes já plantadas devem germinar nas almas dos semeadores, resultados dos próprios esforços e que podem ser muito úteis para aqueles que enfrentam decepções e fracassos no caminho.

Ao encenar a nós mesmos, produzimos um discurso que ouvimos da boca de um outro, ou que lemos sob o nome de um outro: uso para nós que, talvez, outros usarão, para si mesmos. Produzir-se a si mesmo por exercitações, onde buscar torna-se modo de existência, é interpretar, decifrar, traduzir o sentido de um signo. A capacidade de tradução faz com que o desenvolvimento de um signo se explique pela encenação e se complique na obra pela recriação (Spinoza, 2007; Foucault, 2019).

-- O professor ciumento já estava esperando as esperadas reticências.

Uma coisa tenho falado, com uma forte sensação de leveza: não sabemos tanto assim de nós mesmos; e outras, também, às quais nada mais acrescentarei. Nosso arquivo está marcado com as mãos do professor semeador que lançou sobre terra a menor semente de todas as sementes. De novo se pôs a semear e, segundo o seu modo de plantar, ensina coisas que são concernentes a quem as recebe. Por isso, fez germinar novas sementes, hieróglifos a serem decifrados neste espaço de divulgação e conversação para pensar a educação em e desde a América Latina.

Referências

- Agamben, G. (2016). *El fuego y el relato*. México: Siestopiso.
- Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos.

Bampi, L. R. (2022). *Sobre memórias e confinamentos: exercitações de encenações e recreações do aprendizado*. Memorial apresentado à Comissão Especial de Avaliação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para requerer Promoção na Classe de Professor Titular. (Manuscrito).

Bampi, L. R. (2017). Viver para contá-lo: sobre o aprender em nossas escolas. En *IV Congreso Latinoamericano en Filosofía de la Educación. Memoria y prospectiva*. Universidad Nacional de San Martín, Buenos Aires.

Bampi, L. R. (2003). *Governo etnomatemático: tecnologias do multiculturalismo*. Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU. (Tese, Doutorado em Educação).

Bampi, L. (2002). Governo, Subjetivação e Resistência em Foucault. *Educação & Realidade*, v.27, n.1.

Bampi, L. R. (1999). *O discurso da Educação Matemática: um sonho da Razão*. Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU. (Dissertação, Mestrado em Educação).

Bampi, L. y Dummer Camargo, G. (2017). Didática do meio: o aprender e o exemplo. *Educação e Pesquisa*, 43, pp. 327-340.

Bampi, L. R. y Camargo, G. D. (2016). Didática dos Signos: ressonâncias na Educação. *Matemática contemporânea. Boletim de Educação Matemática*, 30, pp. 954-971.

Bampi, L. y Telichevesky, M. (2017). No es nuestra culpa si no sabíamos que sabíamos. *Revista Educación y Pedagogía*, 24, pp. 171-181.

Bampi, L. y Telichevesky, M. (2012). A estudante e a professora fugitiva... Um encontro necessário. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, jul./dez, pp. 459-476.

Bampi, L. R., Tourrucão Gasteasoro, F. (2019). Comentario a la "Carta a un niño: el preguntar y el verificar. International Council of Philosophical Inquiry with Children, Bogotá. XIX Biennial Conference Philosophy for/with Children and the Citizen Agent. (Texto de apresentação).



Bampi, L., Tourrucô Gasteasoro, F. & Camargo, G. (2021a). Sobre métodos e avaliações: uma experiência como prova e um aprender como consequência. In Álvarez-Muelas A. Arcos Romero I. (Comps.). *Avances en Ciencias de la Educación Investigación y Práctica*. Madrid: Editorial Dykinson, pp.486-491.

Bampi, L. R., Gasteasoro Tourrucô, F. y Dummer Camargo, G. (2021b). Entre confinamentos e signos amorosos: exercícios de encenações e recriações docentes. *Hybris. Revista de Filosofia*, v. 12 n° 2, noviembre, pp. 169-191 190.

Bampi, L., Tourrucô Gasteasoro, F. y Camargo, G. (2016). Como enxergar no aprendizado de alguém a arte de tecer mundos? En Kohan, Walter (Ed.) *VIII Colóquio Internacional. de Filosofia e Educação*. Rio de Janeiro. Mundos que se tecem entre “nosotros”.

Bampi, L. R., Gasteasoro Tourrucô, F. (2013). Encontros insólitos: ressonâncias filosóficas em experiências malsucedidas. En *Segundo Congreso Latinoamericano de Filosofía de la Educación*, Montevideo.

Barthes, R. (2012). *A câmara clara. Nota sobre a fotografia*. Tradução: Júlio Catañon Guimarães. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Benjamin, W. (2008). A tarefa do tradutor. En Branco, Lucia Catello (Org.). *A tarefa do tradutor de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. Belo Horizonte: Fane/UFMG, pp. 25-49.

Blake, W. (1987). *Antología Bilingüe*. Introducción y traducción de Enrique Caracciolo Trejo. Madrid: Alianza Editorial.

Cortázar, J. (2003). *Rayuela*. Edición de Andrés Amorós. Madrid: Ediciones Cátedra.

Deleuze, G. (2003). *Proust e os signos*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Dickens, C. (2000). *El hombre atormentado y la oferta del fantasma* (cuento de navidad). Madrid: Celeste ediciones.

Dummer Camargo, G. (2022). *Arquivo de um aprender: a Didática dos Signos e as aulas de matemática*. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática), Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Foucault, M. (1987). *A arqueologia do saber*. Tradução Luis Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense universitária.

Foucault, M. (1988). An aesthetics of existence. En Kritzman, L. (ed.). *Michel Foucault: politics, philosophy, culture*. New York: Routledge, pp. 47-56.

Foucault, M. (1999a). *Entre filosofía y literatura*. Tradução Julia Varela y Fernando Álvarez Úria. Barcelona: Paidós.

Foucault, M. (1999b). *Estrategias de poder*. Tradução Julia Varela y Fernando Álvarez Úria. Barcelona: Paidós.

Foucault, M. (2019). *A hermenêutica do sujeito*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. Martins fontes: São Paulo.

García Márquez, G. (2015). *Vivir para contarla*. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editoria.

Goldenberg, M. (1997). *A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record.

Jacotot, J. (2008). *Lengua materna. Enseñanza Universal*. Tradución Pablo Ires. Buenos Aires: Cactus.

Larrosa, J. (2018). *Esperando não se sabe o quê. Sobre o ofício de professor*. Tradução de Cristina Antunes. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Paz, O. (2009). *Tradução: literatura e literalidade*. Tradução Doralice Alves de Queirós. Belo Horizonte: FALE/UFMG.

Spinoza, B. (2007). *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica.

Tello, A. M. (2016). Foucault y la escisión del archivo. *Revista de Humanidades*, n. 34, julio-diciembre, pp. 37-61.



Villegas, O. R. (2022). Archivo, diagrama y pliegue en el taller de los castigos. Una exploración con Foucault. *Estudios Políticos*. Medellín, n. 20, jan-jun, pp. 139-152.